

NAS SOMBRA DO DISCURSO PSICANALÍTICO, PARA ONDE FOI A PRIMAVERA?

ANDREW OLIVEIRA¹; DANIELA DELIAS DE SOUSA²

¹*Universidade Federal de Rio Grande (FURG)* – andy4597@hotmail.com

²*Universidade Federal de Rio Grande (FURG)* – daniela.delias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Não é de agora que o debate acerca da crise ambiental tem recebido a atenção de diversas nações. Em 1972, a Conferência de Estocolmo, organizada pela ONU, apontou para a preocupação mundial frente às alterações ambientais (IANNI, 2001b). Desde então, diferentes áreas do conhecimento atentaram para a importância dessa problemática, seja com planos de ação diante da crise ou abordagens que colocassem em destaque tal discussão, alocando o sujeito no âmago de tal diálogo, sendo ele parte integrante do planeta e tendo sua vida afetada com tais alterações (OLIVEIRA, 2009).

Na década de 70, a consciência ecológica tornou-se uma grande preocupação também entre artistas brasileiros, sendo explicitamente visível na poesia de Carlos Drummond de Andrade, particularmente na obra *Discurso da Primavera e Algumas Sombras* (1977/2009). Neste livro, o autor manifestou seu descontentamento com a devastação que a natureza sofria, como neste trecho do poema *Antibucólica 1972*, em que diz: “a poluição, sabe-se agora, é velha/mais do que o homem. E não será o homem/ freguês da poluição, em vez de autor?” (p. 114). Tal dúvida levantada por Drummond é compreensível, visto que a crise ambiental é, em si, uma crise da civilização contemporânea, conduzindo o bem-estar da humanidade para uma posição de insegurança e incerteza (BARCELLOS, 2008). A psicanálise, por sua vez, também tem contribuído com este debate, sobretudo ao se considerar que, ao longo de sua obra, Sigmund Freud explorou profundamente as relações do Eu com o mundo externo. Para o autor, o homem possui inclinações à autodestruição, e essas prejudicariam o seu entorno se não fossem sublimadas ou recaladas (FREUD, 1930/2020).

Tendo em vista estas considerações, o presente estudo tem como objetivo estender o debate sobre a crise ambiental, a partir de uma intersecção entre arte e psicanálise. Propõe-se que a abordagem psicanalítica pode ajudar a compreender como as interações do Eu com o mundo são regidas pelas pulsões de dominação sobre a terra. Somado a isso, argumenta-se que a poesia de Drummond se impõe como uma resposta colérica diante da desolação enfrentada pela natureza. Destaca-se que o estudo não possui a presunção de trazer respostas ou soluções pragmáticas para a crise ambiental fazendo uso da psicanálise como artifício, mas, sim, tecer uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar em uma psicanálise implicada, que se inclua cada vez mais nos debates sobre a relação do eu com o mundo.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho apresenta-se no formato de um breve ensaio teórico. Segundo Meneguetti (2011), o método do ensaio é caracterizado pela interação

entre o escritor e seu objeto de estudo, viabilizando ponderações que atravessam a subjetividade de quem escreve. Neste estudo, tem-se como principal referencial teórico a psicanálise freudiana e trabalhos que destacam um saber ambiental. Além disso, traz-se para a discussão trechos da poesia drummondiana que atravessam a problemática da crise ambiental ao suscitar a importância do discurso que evidencie tal declínio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As conferências mundiais realizadas com o intuito de discutir e estabelecer acordos devido à crise ambiental estão intimamente relacionadas a uma crise da civilização, uma vez que o fim do meio ambiente é, em si, o fim das condições que possibilitam a vida humana. É interessante destacar que não apenas as catástrofes ambientais configuram esse paradigma, pois o homem fez uso do seu conhecimento para se apoderar dos meios naturais (LEFF, 2003). Nesse sentido, o meio ambiente surge como objeto que absorve a energia libidinal do Eu, retornando a ele: os objetos externos aparecem na medida em que o Eu se torna seu próprio objeto de amor, considerando a concepção de que essa identificação é um processo do narcisismo que procura satisfazer os desejos do Eu (FREUD, 1914/1996a).

Para a psicanálise, o Supereu, — instância que pune ou valida os desejos do Eu, esses que são atravessados pelo Isso, — fará o intermédio entre essas duas instâncias, sendo definido pelo conjunto de regras sociais (FREUD, 1923/1996c). Logo, as leis pelas quais o Supereu é atravessado prestam serviço ao sistema econômico vigente, esse que atualmente é entendido como o Neoliberalismo, cujas políticas agravam e aceleram os procedimentos que deterioram o meio ambiente junto do autoritarismo do Estado (LEFF, 2001a).

Em relação a isso, parece-nos pertinente ressaltar a indagação de Drummond no poema *Num planeta enfermo*: “Se pecado é viver entre rios sem peixe/ e chaminés sem filtro e monstros multinacionais,/ onde quer que a valia/ valha mais do que a vida?” (DRUMMOND, 1977/2009, p. 17), considerando que os movimentos ambientais têm se demonstrado insuficientes frente à racionalidade neoliberal e da produção capitalista, formando uma sociedade que vive da produção de excedentes (ENGELS, 2000). Além disso, pode-se vislumbrar como as pulsões orientam a devastação ocasionada pela humanidade, no momento em que estabelecem a mediação entre o Eu, o mundo exterior e o outro, conduzindo o ser humano inconscientemente a um estado inorgânico primitivo (FREUD, 1920/1996b). Soma-se a isso a exploração e destruição do meio ambiente, que, além de darem ao Eu a satisfação legitimada e incentivada pelo neoliberalismo e ao tratarem a natureza como um símbolo a ser aniquilado como que por um predador, também aproximam o Eu da morte, a qual o afastará, por consequência, da angústia sentida perante o mundo.

Entretanto, essa busca por satisfação imediata pode trazer consequências ao Eu, pois ao mesmo tempo em que vemos a ideologia neoliberal incentivar o domínio sobre o que se demonstra mais fraco, temos leis implementadas que restringem a poluição ou até mesmo a exploração destrutiva sobre o meio ambiente. Dessa forma, o Eu se encontra constantemente em um embate que pondera as exigências do Supereu e do Isso (FREUD, 1930/2020). Esse embate leva o Eu a uma crise de identidade por não saber identificar os limites de seus afetos, estabelecidos por uma

ordem simbólica e ideológica, levando-o a sofrer uma descaracterização (LEFF, 2001a).

Por conseguinte, mesmo diante das mobilizações que indagam sobre os limites da exploração humana no cerne ambiental, ainda vemos o âmago humano se posicionar cada vez mais de forma intransigente frente ao meio ambiente, visto que essas ações são fundamentadas pelo pensamento coercitivo da comanda econômica, transferindo os desejos do Eu para essa racionalidade, atingindo a satisfação a partir dos recursos naturais (LEFF, 2001a). Esse ciclo repetitivo em torno da necessidade de preservar o meio ambiente e o desejo de explorá-lo para atingir metas neoliberais, coloca o Eu em uma repetição de destruição de si, do outro e do meio externo, deixando o futuro incerto, no qual, conforme os versos do poema *E aconteceu a primavera*, “a primavera/ será um sonho de sonhar-se/ na fumaça/ no grito/ no sem azul deserto/ das cidades mortas que se julgam vivas?” (DRUMMOND, 1977/2009, p. 138).

Nesta direção, é possível observar como o sentido da vida humana diante do desamparo (FREUD, 1930/2020) surte efeitos cataclísmicos de uma falta de compromisso por parte do Eu com a crise que ele gera, fato que parece ser brilhantemente elucidado pelo enxerto do poema *Ultratelex a Francisco*, de Drummond, no qual o poeta assinala que “É gosto sem gostar/ feito de posse-domínio./ Veja as infinitas coleções/ de animais que padecem em todos os chãos e águas da terra/ e não podem dizer que padecem, e por isso padecem duas vezes” (DRUMMOND, 1977/2009, p. 110).

4. CONCLUSÕES

O presente ensaio buscou refletir acerca da crise ambiental, a partir de uma aproximação entre arte e psicanálise, valendo-se da poesia de Drummond e de algumas contribuições da teoria psicanalítica sobre as relações entre o EU e o mundo externo. É possível notar que a crise ambiental tem consequências catastróficas, as quais são desencadeadas pelo comportamento predador do ser humano, — a partir das nossas pulsões e da maneira como tratamos a natureza como um objeto, do qual são retirados substratos para o nosso prazer. Tal crise configura-se também como um cenário de deterioração da identidade, levando os sujeitos a uma crise existencial, entre ética e consumo. Consequentemente, o Eu se encontra em um constante estado punitivo por parte do Supereu, que não consegue superar os desejos do Isso, sendo eles moldados e legitimados pelo sistema Neoliberal, colocando o sujeito diante da impossibilidade que é definir o seu futuro, como demonstra Drummond em *A grande manchete*, ao dizer “Perguntas estas são mensagem/ também ela espremida na garrafa/ que boia no alto-mar de ondas surdas e cegas/ à espera do futuro que as responda” (Drummond, 1977/2009, p. 124).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, G. H. A crise ambiental e a mercantilização da natureza. In: HISSA, C. E. (Org.). **Saberes ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar**. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 109-123.

- DRUMMOND, C. A. **Discurso da Primavera e algumas sombras [1977]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- FREUD, F. **Obras completas de Sigmund Freud. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, F. **Obras completas de Sigmund Freud. Além do princípio do prazer [1920]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud. O Ego e o Id. [1923]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização [1930]**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- IANNI, O. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001a.
- LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001b.
- LEFF, E. (coord). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MENEGHETTI, F.K. O que é um ensaio-teórico? **Revista de administração contemporânea (RAC)**. Curitiba, v. 15 n. 2., pp. 320-332, Mar./Abr. 2011. Disponível em: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/845/842>. Acesso em jul. 2022
- OLIVEIRA, P. A. R. de; SOUZA, J. C. A. de (Orgs). **Consciência Planetária e Religião: desafios para o século XXI**. São Paulo: Paulinas, 2009b. p. 141-161.